

**Entrevista realizada com Virgínia Fontes no dia 09 de dezembro de 2000 por Nara Improta.**

Nara: Certo? Aí vamos nós. Eh, cê poderia falar um pouquinho de seus avós?

Virgínia: Meus avós? Bom, então vamos lá. Pelo lado materno. Eh, uma família, meu avô materno era de uma família razoavelmente rica, quebrada em 29, de Pernambuco. Minha vó materna, idem. Famílias, eh..., meu avô materno tem, ele era de uma família de comerciantes, minha avó materna era de uma família, não sei se eram proprietários de terra, mas tinha um usineiro no meio. Eu não conheço muito bem. Nunca me interessei muito em fazer a genealogia da família, não, por incrível que pareça. Sei que tem muita gente que gosta de fazer, isso me cansa. Agora, o que é divertido é que meu avô materno tinha, era de uma família de vinte e um irmãos, minha avó materna, eu não sei quantos irmãos ela tinha, mas também não era de uma família pequena. E são, os dois são de Recife, Pernambuco. Tiveram sete filhos. Os dois tiveram sete filhos. Bom, agora meu avô paterno e minha avó paterna. Aí já muda o quadro todo. Meu avô paterno era de uma família, não sei que de ascendência, veio de interior de Sergipe, veio para o Rio de Janeiro com algum dinheiro para montar um comércio e é roubado no navio, e virou estivador do Cais do Porto a vida inteira. Se aposentou como estivador do Cais do Porto. E a minha avó paterna ela era filha de portugueses, mas parecia uma índia. Eu até perguntei recentemente ao meu pai se ela era índia, ele disse que não, que era filha de portugueses, e tiveram sete filhos. Agora, o divertido é que meu pai e minha mãe tiveram sete filhos. Então essa a família da minha mãe é uma família decadente, metida a sebo e metida a aristocrática, sem um tostão, mas que vivia, assim, durante um bom período, o período de infância da minha mãe e etc, vivia na sociedade de Recife. E a família do meu pai é o oposto, super pobre, aquele, acorda de manhã cedo para trabalhar, bonitinho, morando no subúrbio, Bento Ribeiro, é, aqui no Rio de Janeiro

Nara: Cê teve pouco contato com seus avós?

Virgínia: Pouquíssimo, com todos eles.

Nara: E os seus pais?

Virgínia: o que cê quer saber dos pais? Eh, qualquer coisa?

Nara: Fala um pouquinho deles.

Virgínia: Acho que eu já tracei um pouco o quadro deles traçando o dos avós, né? Meu pai, eh, portanto é o homem da ética protestante, eu brinco. Homem rigoroso, sério, acorda cedo, trabalha com tudo, tudo esquema organizado, conservador e etc. Eh, que tem uma trajetória de ascensão social. Dos sete filhos, ele é o que teve melhor eh, a melhor situação (?) a melhor situação econômica. Ele começa a trabalhar muito cedo, acho que com quatorze, quinze anos ele começa a trabalhar, de uma família muito pobre. Vai fazer concurso num período que, no Brasil, um concurso público era alguma coisa realmente importante, então vai subindo, vai conseguindo montar uma carreira, uma carreira de funcionário do Banco do Brasil. Se aposenta funcionário do Banco Central. E indignadíssimo hoje, apesar de conservador, com a demolição do Banco Central. Ih, eh, minha mãe é o contrário, minha mãe veio dessa família que ao mesmo tempo não tinha, tinha menos dinheiro no fundo que a do meu pai, mas que tinha uma vida muito mais agradável, muito mais confortável, eles não tinham, em Recife, minha avó não

tinha dinheiro onde cair morta, mas tinha sete empregados. Andava com as chaves da dispensa na, na saia, mas tinha sete empregados. Uma passadeira, uma copeira, tinha uma babá, tinha uma costureira, já não sei mas pra quê tanta empregada. E minha mãe começa a trabalhar em um banco, conhece meu pai em Recife, porque no Banco do Brasil, naquela época, eles eram designados para o país inteiro, se conhecem em Recife, se casam acho que quatro anos depois, pouco tempo depois. E aí ela vem para o Rio de Janeiro e vai escolher o outro lado da vida, vai morar numa rua sem, sem calçamento, em Bento Ribeiro, numa belíssima casa, uma casa toda novinha que tinha sido construída pelo meu pai. Mas, no subúrbio, uma coisa, no subúrbio, no subúrbio naquela época, longe à beça e sem saneamento, sem calçamento, sem nada. Eh, vai ser uma experiência pesada para ele, também vão atravessar um processo de ascensão social do meu pai, mas uma ascensão muito na ética protestante mesmo, uma situação muito, muito ligada ao trabalho, ao trabalho, ao trabalho o tempo inteiro, porque vão tendo sete filhos, então a situação, nunca, nunca chegava a ter uma situação de dinheiro que fosse folgada, ainda que a gente tenha tido uma infância bastante tranqüila, nunca teve nenhuma dificuldade.

Nara: Você, dentre esse sete, seis irmãos, você é o quê, caçula?

Virgínia: Dentre os sete irmãos eu sou a mais velha

Nara: Cê é a mais velha?

Virgínia: É. E a trajetória deles é interessante, e tem até a ver com a(?), daqui a pouco eu lembro. Eles casaram foram morar em Bento Ribeiro, eu nasci, nessa casa em Bento Ribeiro. Depois eles se mudaram pra'qui em Laranjeiras, para esse edifício que caiu aqui. Aí, fiquei a minha infância toda aqui, toda não, parte da minha infância até oito anos de idade eu morei aqui. Depois quando foram vindo filhos, filhos, filhos, filhos, filhos, eles aí colocou uma casa em Jacarepaguá. Que tinha quintal, tinha árvore e etc. E morei em Jacarepaguá até os dezoito anos, quando eu saí de casa.

Nara: E como é sua família hoje? A relação com seus pais, filhos, irmãos?

Virgínia: Isso tem tantas maneiras de abordar a relação, abordar a família hoje, a relação é ótima entre a gente. Eu tive a sorte de poder brigar com eles muito cedo, e sair fora muito cedo. Então deu pra depois de um certo tempo poder transar com eles como adulto e adulto, então facilita tudo. Então ninguém se mete na minha vida, e a gente é super amigo. É, mais isso era uma chance, chance da rebeldia, menina metida a sebo que com dezoito anos pulou fora e nunca mais voltou. Então, acaba que eu tive contato muito variado com meus irmãos, cada um tem um perfil bem diferente em termos de profissão, em termos de área de interesse, mas a gente se entende muito bem, hoje em dia. Então somos o quê? Sou eu, em história, meu irmão, o que vem logo depois, ele é o informático mas já tem três anos que chutou o balde de um emprego fixo, não agüentou, tá sem trabalhar, e vive muito bem sem trabalhar. Depois tem dois irmãos que estão vivendo a crise do desemprego hoje em dia, se virando. Tem duas irmãs que moram em Vitória, uma é psicóloga a outra faz teatro. E finalmente tem mais, acho que já botei todos os irmãos? Tem um, tem um outro irmão que trabalha na Petrobrás, que é o zen da família, que é um personagem totalmente doido. Mas, é, é engraçado, que com formação universitária só tem eu, esse, esse informático que atualmente não

tá trabalhando, que tenha concluído a formação universitária, acho que só nós dois...

Nara: A psicóloga?

Virgínia: Ah! A psicóloga.

Nara: Você é casada?

Virgínia: Fui, no meu primeiro casamento, que durou três anos, dos dezoito aos vinte e um, de resto nunca mais.

Nara: Tem filhos?

Virgínia: Dois filhos. Vivi junto com gente, per aí, mas nunca mais casei, nem no papel nem na alma.

Nara: Você percebe alguma relação entre o seu ambiente familiar, na época e a sua escolha profissional?

Virgínia: Não, não. No meu ambiente familiar, diretamente não. Tem muito mais a ver com o período, que era um período de ditadura, e com a militância que eu fui começando a ter muito cedo, com quatorze, quinze anos, eu tava muito próxima da militância política, então a opção pela história foi realmente uma opção prática para o que eu queria estudar, não tem muito... o que eu achava importante estudar, não tem muita expectativa familiar com relação a isso.

Nara: Que tipo de escola você estudou?

Virgínia: Só escola pública, desde o, só, acho que só no, no maternal que estudei em uma escola particular. O resto toda a minha formação foi em escola pública.

Nara: E que aluno, que tipo de aluno você era? Comportada, gostava de estudar...

Virgínia: Sempre fui boa aluna mas nunca fui especialmente CDF. Então, sempre gostei de ler, li muito, muito cedo, muito rápido, muita coisa, eu era tipo fenômeno da leitura, mas não, nunca fui muito competitiva, então nunca tive paciência para ficar entrando em competição por nota ou título, mas sempre fui boa aluna nunca tive maior dificuldade, com exceção da escola técnica, que eu fiz escola técnica aí no meio, foi uma tragédia, detestava aquilo.

Nara: Escola Técnica de quê?

Virgínia: De eletrônica. Fiz porque eu tava mal em matemática, no ginásio, fui fazer um cursinho para me ajudar em matemática, e todo mundo ia fazer o concurso para a escola técnica e ficaram gozando que eu não ia passar, aí resolvi fazer o concurso, passei, passei super bem, e já tinha passado, todo mundo achando que aquilo ali era ótimo, e lá fui eu. Bom a experiência foi maravilhosa, da convivência, eh, do próprio processo da escola Técnica, em termos da minha própria politização foi uma coisa assim maravilhosa, mas em termos da minha relação com o curso foi uma realmente uma tragédia, detestei

Nara: Tem algum professor na sua formação escolar que a tenha marcado de alguma forma, que tenha sido importante?

Virgínia: Tem uma coisa muito interessante, é que quando eu morei em Jacarepaguá, eu fiz o meu ginásio numa escola, que foi uma escola, foi um trabalho, um trabalho político até muito interessante: um grupo de professores ligados a Enriete Amado, fez concurso para uma mesma, fez um acordo, fez concurso para uma escola, e foram para essa escola lá em Jacarepaguá. Que por acaso foi a escola onde eu estudei, só quando eu estudei, esse grupo já estava meio se desfazendo. Foi um... mas esse ginásio, se chamava Brigadeiro Schort ficou conhecido e durante, acho que uns vinte anos carregou a marca desta

experiência. Foram simplesmente os primeiros aprovados no concurso em quase todas as áreas, escolheram a mesma escola e resolveram fazer um trabalho coletivo. Então tinha lá, a Ella Dutori, era minha professora de história, O Clóvis, Clóvis? Não. O Gerson que era um professor de geografia absolutamente maravilhoso, professor de desenho, professor de desenho maravilhoso, tinham professores que tavam lá porque queriam tá fazendo um bom trabalho. Essa foi uma experiência riquíssima, então era uma... quando eu entrei a Enriete Amado já nem era mais diretora da escola, mas os professores ainda tinham permanecido. A ex-mulher do José Leite Lopes dava aula da matemática lá, e cê tinha um, um conjunto de professores muito mobilizado e muito motivado no trabalho que estavam fazendo. E aquilo era área rural. Evidentemente que uma menina que lia a beça, era uma ledora, eu devorei todas as bibliotecas de todas as escolas que eu freqüentei, não tinha dificuldade com o curso, não precisava ficar muito estudando, por isso que eu digo, eu era uma boa aluna, mas eu estudava por prazer, não ficava sentada fazendo exercício, eu ficava lendo. E era um curso muito motivador e essa foi uma coisa bem interessante foi, não tem um professor que tenha, que tenha tido um papel fundamental não, eu fui tendo excelente relação com muitos professores ao longo do, ao longo, e muita briga. E normalmente fiquei amiga dos professores com os quais eu briguei

Nara: Cê acha que essa sua formação escolar de alguma forma influenciou sua formação profissional?

Virgínia: A carreira profissional eu não sei, é com certeza a minha vida influenciou. Eu passei depois toda a minha vida lutando pelo ensino público, eu acho que isso é fundamental você poder ter, você ter essa vivência de um lugar público, ainda que seja um lugar discriminador, e você vai ver essa discriminação de forma muito mais palpável em uma escola pública que numa escola particular que os grupos são bem segregados a priori, não se mesclam, hierarquias diferentes é uma experiência muito rica, com certeza, e tem mais, né, não só essa experiência em termos, para mim do ponto de vista sobretudo do primário. Segunda parte do meu primário eu fiz em Jacarepaguá, em uma escola onde as crianças, uma parte das crianças era muito pobre. Você tinha crianças de nível de renda e de situação familiar totalmente díspar, depois, tem uma outra coisa importantíssima, eu fui fazendo, eu fui tendo a chance de pegar grandes, grandes escolas, né? Inclusive a Escola técnica, ainda que eu tenha detestava e depois a UFF. E, então cê tem, com certeza cê tem uma qualidade no resultado final que é diferente da qualidade de quem vem num terreno muito balizadinho e muito controladinho. Cê vem brigando pelo teu próprio aprendizado, e essa é uma experiência que eu acho que é maravilhosa.

Nara: Mas você acha, que você falou desses seus professores, você de alguma forma tinha alguma ligação mais com o professor de humanas, ou nada especificamente? Você já desde cedo já tinha uma tendência para a área de humanas, ou não?

Virgínia: Eu deva ser muito interessante, Nara, porque olha só, eu gostava de tudo. Na faixa e treze, quinze anos, eu literalmente gostava de tudo. E fiquei muito inquieta com isso. Gostava de fazer redação, gostava de história, de geografia, gostava de matemática, gostava de física, gostava de tudo. Aí, fui fazer um teste vocacional que naquela época tava na moda. Lá fui eu, isso era até

gratuito lá na escola. Aí fiz, me submeti aquelas porcaria, aqueles quadradinhos, aquelas coisas ridículas, pra chegar no final a mulher vem fazer uma entrevista comigo e me diz que eu sou pluriapta. Ajudou muito! Ajudou assim extraordinariamente na minha existência esse raio desse este vocacional. Foi aí, essa foi inclusive uma das razões que eu fui para a Escola Técnica. Antes de ir para a Escola Técnica eu ainda exitava entre fazer o Clássico, que na época era Científico ou Clássico. O Clássico mais para uma área de humanas ou de letras, o Parque Lage para desenho ou Escola Técnica. Cê vê que é totalmente díspar. Eu fui parar na Escola Técnica entre esses três, porque passei na Escola Técnica, mas a área que realmente me afinava e que depois fui ver era realmente a área de humanas, não era a área técnica ainda que eu goste muito da reflexão do pensamento científico e conservei isso. Mas o problema da Escola Técnica é que não tem reflexão sobre o que é pensamento científico, tem decoreba, e aí decoreba já era, detesto

Nara: E a escolha pela História, porque isso, daonde saiu isso?

Virgínia: Isso eu acabei de te explicar, isso foi uma questão de militância política, mesmo

Nara: Mas só daí mesmo?

Virgínia: Fundamentalmente disso, fundamente de uma área de prazer, eu gostava..., quando eu terminei a escola técnica, a gente é muito verde quando escolhe o que vai fazer. você imagina o seguinte, quando eu saí da escola técnica, eu já tinha saído da casa dos meus pais, já trabalhava, me segurava, segurava minha existência, não tinha ajuda deles, nunca tive para sobreviver, e fui fazer o vestibular meio na duvida se fazia História ou se eu faria Ciências Sociais. era um dos dois, mas eu gostava muito realmente de pensar o processo histórico, achava que Ciências Sociais, o que que me separou da História de Ciências Sociais? Naquela época a sociologia tinha tinha uma utilização muito empresarial, tinha uma formação, uma boa parte do curso de sociologia era voltado para sociologia de empresa e foi o que me fez não me interessar pela sociologia. Eu não tinha condição do ponto de vista da minha formação fazer vestibular. Eu nunca tinha estudado línguas, eu estava vindo de uma escola técnica, ainda estava saindo, assim, aos trambulhões, porque não gostava e não conseguia acompanhar, não estudava história a três anos, não estudava geografia a três anos, não estudava, eh, não estudava nada do que estava fazendo naquele vestibular a três anos. fui fazer vestibular do tipo: bom, tá na época, tou me formando esse ano, faço. Se der deu, se não der não deu. E deu. Então, foi uma situação, fui salva pelo gongo. Aliás eu não conhecia francês, então tem umas histórias interessantíssimas, que eu chega na prova de francês, eu não entendia uma palavra de francês nunca tinha estudado francês. Aí eu olho pro texto que tinha que interpretar sorte da sorte dos grandes leito ledores, né? Eu já tinha lido aquele texto em português. Eu conhecia o raio do texto. Eram dois textos para interpretar, me salvou. Aquele eu consegui interpretar inteiro porque me lembrei, pronto tava resolvido. O outro, eu não conhecia que era um texto aliás muito mais interessante era um texto do Sartre, que eu com dezoito anos não tinha lido mesmo, esse dancei, né? Duvido, acho que se acertei alguma questão foi no chute. Na época era tudo múltipla escolha.

Nara: E porque UFF? Cê escolheu? Foi por acaso?

Virgínia: A UFF é uma escolha com certeza, a UFF é por razões políticas. Era a única universidade em que se podia falar alguma coisa, tanto pra, aí tem um pouco a história da UFRJ. A UFRJ foi demolida. Nessa época quem dominava a UFRJ era o Hermildo Viana, que era assim o máximo do centro do reacionarismo do Rio de Janeiro. Pior do pior. Eu não conhecia os professores da UFF, mas eu já tinha ouvido falar da UFF como um dos lugares onde cê podiam discutir, podia ler textos interessantes e etc, eles não tinham uma censura, quer dizer, a última censura foi em 73, onde a censura era menor. A PUC tava fora de cogitação, que era o outro curso de História importante pra mim, bom não só porque sou contra a universidade católica, não tinha dinheiro para pagar curso, meu nome era contra universidade particular então por todas as razões do mundo eu nem podia pensar em fazer PUC. A UFF foi uma escolha por conta da qualidade do curso não que fosse pontuado, ein? Naquela época não tinha nenhuma pontuação, não. Mas pelo fato de ser um lugar onde se podia falar e se podia ler textos. Essa foi, ser livre, entre aspas, né?

Nara: E qual foi a reação da sua família com a sua escolha?

Virgínia: Nenhuma, eu já tava morando sozinha

Nara: Não se manifestaram de alguma forma?

Virgínia: Não, nem contentes nem tristes, nenhum deles. eLes ficaram felizes d'eu fazer o que estava querendo fazer. Não teve...

Nara: Onde é que funcionava o curso de história quando você?

Virgínia: Onde é hoje o lacs, lá no, na Laura Villela

Nara: E como é que eram seus colegas de curso?

Virgínia: Nara, não vou poder te, te responder isso muito bem por duas razões: uma eu era militante política nesta época; dois, eu entrei na UFF, eu trabalhava o dia inteiro, eu não tinha tempo para ficar, eh..., na festa. Realmente trabalhava. dois , eu fiquei surpresa com o baixo nível dos meus colegas, com o baixo nível intelectual dos meus colegas, e detestei o curso quando entrei. Achei o curso fraquíssimo. Até tinham pessoas ótimas, tinham alguns colegas muito bons, não eram todos os colegas. Mas eu fiquei pasma, com a espécie, não é nem com a despolitização, porque até que as pessoas eram razoavelmente politizadas, eu achei que, isso aí eu me lembro muito nitidamente, eu fiquei decepcionada...com o curso. E em seis meses eu tranquei, eu fiz seis meses ou um ano, tranquei o curso, e fiz tudo por minha conta em casa, fiquei lendo, tava lendo filosofia nessa época, li Marx a beça, li história da China, li uma porção, fiquei em casa fazendo grupo de estudo. E esse primeiro ano de universidade foi uma meleca, por que eu olhava e não conseguia nem entender o que queriam que eu fizesse, queriam que eu repetisse determinadas coisas mas nem sem pensar muito, eu não conseguia nem saber muito para que direção ia. Melhor coisa que eu fz foi ter trancado, fiquei estudando em casa, eu já tava pronta para abandonar a universidade, a universidade não fazia muita diferença para mim eu não ia me profissionalizar naquilo, eu já tava trabalhando, no segundo ano de universidade eu já tava no Banco do Brasil, então, na verdade a universidade era supérflua do ponto de vista profissional, eu tava lá porque queria, e esse semestre que eu passei em casa eu passei estudando, foi excelente, foi realmente maravilhoso. eu voltei, u resolvi voltar para terminar a universidade, falei: não, vou terminar a universidade e isso me interessa fazer, e inclusive eu tenho acesso a bibliografia, e aí o curso mudou,

porque aí eu podia escolher no curso o que eu lia, o que eu não lia. Aí, eu que tava voltei a ser uma aluna, uma aluna, tava sendo uma boa aluna, mas uma aluna de oito, oito e meio, oito, no primeiro semestre, no segundo, quando eu voltei, que eu voltei meio chutando o balde, voltei do tipo vou discutir, não posso ler tanto quanto eles, mas a universidade não é um lugar onde me subordina alguma coisa que está posta, dá para discutir desde que eu queira, eu vou ler e vou fazer. E aí pronto, mudou a minha relação com o curso da água para o vinho, porque aí algumas coisas eu lia, outras não, eu escolhia as leituras, eu discutia essas leituras, eu debatia essas leituras, eu ganhei muito. Aí passei a ter notas excelentes na universidade.

Nara: Mas você falou, o curso mudou, mudou como? Mudou a estrutura do curso...

Virgínia: Daquela época pra hoje?

Nara: Não, você disse quando você voltou o curso..

Virgínia: Ah! Mudou para mim, a minha relação com o curso mudou. Ficou uma relação de adulta com o curso, é isso, o que muda é o seguinte, a gente vem muito com a expectativa de que a universidade veio dar para gente alguma coisa. Nesse tipo em humanas, ou a gente toma, ou o curso vai ser uma coisa, a gente vai tá reproduzindo uma espécie de subordinação e de hierarquia que não tem muito sentido. Isso eu acho até hoje.

Nara: Quando você fala de seus colegas que você não tinha muito contato com eles porque você militava, eles não militavam?

Virgínia: Porque eu militava não, porque eu trabalhava também, o dia inteiro, eu militava e trabalhava o dia inteiro, trabalhava oito horas por dia. Eu trabalhava de oito da manhã às cinco da tarde, saía voada pra pegar a barca, ia pra Niterói, assistia as aulas, e saía batida porque oito da manhã tinha que tá lá, e tinha pouca grana, tinha que pagar aluguel e tal e não sei que, então não dava pra ficar, eh, tomando cerveja todo fim, todo dia, não dá, pô, ainda que eu fosse, né? Tinha muita gente politizada, que no primeiro semestre eu não localizei, não reconheci, até por causa da minha inserção. Tinha muita gente politizada, e esse período é um período de efervescência política na universidade, os partidos estavam dentro da universidade muito claramente, mas eram todos clandestinos, então é um período de muito debate dentro da universidade, em torno tanto das disciplinas, dos professores que estavam discutindo imperialismo, em plena ditadura, tavam discutindo Marx, tavam discutindo Althusser, tavam, tudo era proibido, era difícil de conseguir e etc, mas até que biblioteca tinha algumas coisas. E cê tinha, tinha, meus colegas tavam, uma boa parte dos meus colegas vai se, vai se, ou já veio filiada a alguma militância do segundo grau, e eu não conheci no primeiro semestre, ou tá entrando na militância na universidade. Tinha muita organização por mérito, tinha colóquio, tinha PCB, PC do B, todas essas, todos esses partidos tavam dentro da universidade.

Nara: Você falou que as pessoas liam Marx, Althusser, tinha um predomínio dessa corrente ideológica, ou alguma outra, claramente?

Virgínia: Eu tenho dificuldade em te, te responder isso, porque com certeza, naquele momento na UFF, havia, aquele é o período da moda do Althusser no Brasil então tinha um leitura muito grande do Althusser, Uma discussão sobre o que era modo de produção, se havia modo de produção e etc. Aí a dizer que isso constituísse efetivamente um predomínio do ponto de vista da explicação, da

história, tenho cá minhas dúvidas, acho que era bem batizado. Tinha um perfil do conjunto do corpo docente bem variado, mas a esquerda. Um perfil nitidamente de esquerda, né? No departamento.

Nara: E essas, essas eram as obras mais utilizadas?

Virgínia: Mais faladas, mais utilizadas não necessariamente, não sei quem leu de fato. Eu fiz um grupo de estudo do capital quando estava na faculdade, já um pouco depois. Já tinha me separado do meu primeiro casamento já tava no meu segundo casamento e aí montei um grupo de estudo do Capital, agente trabalhou dois anos, depois eu passei esse período fora da universidade lendo. Eu, eu conseguia acompanhar o debate, me lembro do curso que a gente leu Godelier, que leu Lenin, em cursos, que leu Marx em alguns cursos. Que mais? A formação era bastante centrada no marxismo...

Nara: E era sua Preferência

Virgínia: Era sempre foi minha área teórica de discussão. E eu discutia muito, discordava de muitas provas de interpretação do marxismo, então eu era excelente aluna porque dominava muito bem, mas discutia muito. Devia ser uma aluna bem chatinha porque brigava bastante.

Nara: E, cê pode falar um pouquinho de seus professores?

Virgínia: Posso, se conseguir... de quem eu fui aluna? Fui aluna de Ana Maria dos Santos, a maioria tá, tá ativo no departamento ou se aposentou recentemente. Fui aluna do Edmilson, fui aluna de Sônia Mendonça que é pouquíssimo mais velho que eu, só dois anos mais velha que eu, mas como ela entrou muito cedo na docência, ela se formou e entrou na docência, ela acabou sendo minha professora, mas eu só fiz um curso com ela. Fui aluna de Ilmar que fez aliás um curso brilhante, fui aluna do Almir Saiban (?), fui aluna de Ciro Flamarion, mas Ciro Flamarion fui aluna no mestrado, não foi na graduação, não. Fui aluna de Geraldo Bauclair(?) , são professores que ainda estão... da Divânia. Quem mais foi meu... e fui professora de alguns que são agora professores de vocês, né? Alexandre, do Marcus Parano, quem mais ali foi meu aluno? Ronald Raminelli foi meu aluno.

Nara: E tem algum professor que tenha sido importante para a sua formação

Virgínia: Com certeza, né?

Nara: Mas que tenha marcado....

Virgínia: Assim, uma pessoa foi importantíssima para a minha formação, mas não tanto como professor, como amiga que foi a Sônia Mendonça. Aí é outra história. A gente sempre debateu muito, não, não no sentido que ela tenha me ensinado mas, mas a gente trocava muito, agente ficou amiga muito cedo. A gente trocava , eu tinha uma leitura muito teórica na época, ela tinha uma leitura mais historiadora na época, e depois a gente mudou de de posição algumas vezes e depois a gente sempre se entendeu muito bem, então eu e Sônia a gente sempre trocou muita figurinha. Ilmar teve um curso que me marcou muito na graduação, eu não tive, justamente porque minha vida era uma vida com pouco tempo na universidade, eu não tive muito contato pessoal, eu não tive uma vida de contato pessoal com os professores. Uma coisa meio peculiar da minha formação, eu era meio arisca na universidade. Eu saía até para tomar chope e tal, mas raramente eu ia às festas. Não tinha muito, muito tempo, Já nessa, aí, logo depois eu

comecei a ter filho, aí virou o caos porque trabalhando fazendo universidade e com criança pequena, aí era o caos mesmo

Nara: Como é que era a relação entre professores e alunos naquela época? Tinha conflitos, era , conflito teórico ou até mesmo de posição política...

Virgínia: Eu não sou a melhor pessoa, de novo, para te responder essa pergunta em função do meu perfil de aluna ...

Nara: Segundo sua visão.

Virgínia: É, eu tava muito, eu não participava por exemplo de reunião de departamento, essas coisas, eu até participava dos debates para montagem de chapa para a eleição de DA e de DCE, disso eu participava mais ativamente, mas a parte mais administrativa da universidade, mais política-administrativa da própria existência da universidade, isso eu participei pouquíssimo, na graduação, depois fui participar mais no mestrado. Lógico que tinha, tinha situações de todos os tipos. Tem que levar em conta que era um período de ditadura que embola o meio de campo. Eu tinha professores com os quais eu não podia discutir. Pois ameaçavam abertamente. Em geral não eram professores do departamento de história, eram professores de outras áreas das quais e gente era obrigado a fazer disciplina. Esse era um problema sério, e você não sabia com quem estava lidando. Eu já tava saindo, eu tava na militância quando eu entrei na universidade mas um ano depois eu já tava meio for a já da militância, já estava me indispondo com o Partido Comunista, que era onde eu tava, já tava de fora, mantive contato com muita gente mas tava de fora. Então o que que acontecia? Eu tinha um grupo de amigos, colegas, que envolvia todos os cursos, não só História, né? Tinha História, Economia, Sociologia, que tudo funcionava ali perto, tudo funcionava junto. Pra gente Economia era muito, nós éramos muito próximos, na relação com os professores agente tinha uma coisa na História que era ótima, que é exatamente esse negócio de discutir, debater em sala. Em sala de aula nunca me senti censurada pelos professores da História. Mas também muito cedo você sabe aqueles professores com os quais vê discute e outros que você não discute. Tem professores que têm o cursinho deles pronto, arrumadinho, você vai lá, assiste e não tem muito o que discutir porque não vai ter nada de novo, não vai, não vai acrescentar muita coisa. Tem outros que vale a pena discutir que conhecem realmente algum tema ou que têm idéias interessantes e você discute debate algumas coisas aí o aprendizado muda de qualidade eu nunca tive diretamente nunca me senti coagida ou tendo algum problema direto com os meus professores da graduação em História não, ao contrário, sempre foi um espaço na História bastante interessante, tive problemas com professores de outras áreas, sei que existiram problemas, mas não sei se foi na relação professor aluno direta mas muito mais a questão de reuniões de departamento, de direção, de acesso a voto, de disputa entre professoras sei mas eu não acompanhei.

Nara: Como é que eram estas aulas? Eram aulas expositivas...

Virgínia: Sim, tudo normalmente.

Nara: Tudo, normalmente. E que tipo de avaliação eram?

Virgínia: Prova

Nara: Prova.

Virgínia: Prova e seminário.

Nara: Tinha muito seminário?

Virgínia: Muito seminário. Pro... prova seminário muito parecido na verdade a avaliação para mim mudou muito pouco.

Nara: Naquela época quais eram as possibilidades de pesquisa com aluno de graduação?

Virgínia: Menores do que hoje. Mestrado. Direção ao mestrado. O mestrado tava sendo, era novo, tava sendo constituído neste período... fora, fora disto, as perspectivas eram muito, muito estreitas. A pesquisa? Pesquisa...

Nara: As pessoas não entravam na universidade pensando em fazer pesquisa?

Virgínia: Não, não porque os cursos de mestrado o direcionamento pra pesquisa na área de humanas tá começando no Brasil na década de setenta, aqui no Rio de Janeiro. Então ainda era é coisa nova, ainda era uma coisa muito nova, já tinha uma turma se formando junto comigo já tava, já tinha um grupo de mestrando se formando que eu não conhecia, durante a graduação eu não conhecia, mas era realmente uma área nova eu conhecia mais a formação do mestrado e do doutorado porque eu vivia, meu segundo o companheiro era mestre e já tinha começado a fazer o doutorado e depois tinha largado por tanto eu conhecia a formação e tinha começado a fazer isto no exterior e não aqui eu fui conhecer o que era um mestrado ou saber o que era um mestrado etc a partir da formação dele e não pela minha, internamente.

Nara: Você participou de algum projeto de pesquisa, Bolsa de Monitoria?

Virgínia: Nadinha.

Nara: Nada disto. E você teve alguma experiência de ensino durante a graduação?

Virgínia: Não. Nenhuma.

Nara: Nenhuma. Como é que você poderia avaliar a sua formação apontar alguns pontos fortes, fracos umas críticas a sua formação.

Virgínia: Eu sou muito auto-didata, é muito difícil para mim estabelecer o que eu devo ao conjunto do concurso e ao que eu devo ao meu próprio procedimento. Por outro lado teve uma coisa para mim que foi excelente e que já era uma coisa muito interessante na UFF, era o fato de que os professores davam uma boas bibliografias, então a partir disto você tinha um leque de descobertas do mundo muito grande. Infelizmente eu tive muito pouco tempo de ler que a minha grande falha na graduação sempre foi a minha falta de tempo. Não tinha tempo de ficar lendo. Eu ficava lendo roubando horário no trabalho, depois roubando horário na mamada das crianças. Eu era aquela que meus filhos eram amamentados com metade de leite e metade de letrinha, que eu ficava amamentando e lendo. Ou então sacudindo o carrinho com o pé e lendo. Mas, tive filho muito cedo, meu filho mais velho nasceu eu tava fazendo graduação, eu tinha vinte e um anos. Meu filho mais novo nasceu quando eu entrei no mestrado. Foi, foi tudo assim muito..., ainda perdi uma criança no meio, então foram três, três partos: dois na graduação e um no mestrado. Isso é uma coisa que pra mim, eu não tive esse diletantismo, que eu acho que pode ser divertido, pode ser simpático, pode contribuir pra formação; essa coisa assim meio desse tempo diletante de ficar lendo coisas porque tá a toa, porque tem algum tempo pra biblioteca, porque tem alguma curiosidade. Eu tinha que priorizar e ler, e ler rápido, e ler bem. Eu não tinha muito, muito tempo pra ficar borboletando. Além disso como eu lia muito, eu tinha muitas outras áreas que eu queria ler também. Literatura, teatro, uma porção de

coisas. Eu tinha que conseguir dar conta disso tudo, de uma maneira muito concentrada. Isso significa que, lógico, que eu, depois que eu parei o curso e que voltei eu suguei da universidade, eu tenho literalmente a sensação que eu suguei da universidade as coisas que podiam, que podia ser oferecido. E eu ganhei muito, realmente eu ganhei muito do curso. Eu tive muitos professores disponíveis pra discutir. Eu me lembro de alguns cursos excelentes. O curso do Ilmar foi um curso assim brilhante, eu li textos, li muita coisa, muita coisa muito bem. Eu me lembro de debates com o Geraldo Beauclair maravilhosos. Eu me lembro de um curso que teve um debate, muitas vezes debates da própria turma, e isso aí já era uma coisa bem interessante, a turma debatia entre si. O curso da Maria Célia sobre imperialismo interessantíssimo, que a turma toda debateu muito. Que foi pra mim uma chance de fazer uma seqüência de leituras que eu nunca tinha tempo de fazer. Como aquilo me interessava eu escolhia exatamente o que me interessava e mandava ver. Então dava um, uns debates, e uns debates assim ótimos. Eu custo a me lembrar das avaliações, das provas. Eu não me lembro nada disso.

Nara: Como é que foi seu ingresso no mestrado?

Virgínia: Uma piada. Um dia cheguei lá pra fazer, no curso de História pra fazer inscrição em disciplina, eu achava que ainda faltava um semestre pra me formar. Aí eu chego na sala da coordenação, nessa época a coordenadora era até a Maria Célia. Aí chego na sala da Maria Célia, ela olha pra mim e diz: o que você tá fazendo aqui, você já se formou. Eu falei: eu me formei? Não, ainda falta acho que duas disciplinas. Não senhora. Eu mesma vi o seu caso, e como você fez mais uma disciplina não sei aonde, que podia contar como não sei o que. Você já se formou, se formou e nem sabe. Sua formatura foi sei lá quando.. Eu falei: Ah, é? Que que eu faço agora?. Por que você não faz o mestrado?. Aí eu mudei de porta, era no mesmo, nessa altura já não era mais..., eu não tenho certeza, já não tenho certeza se nesse período a gente inda tava lá na Laura Vilela ou já tava no Valonguinho. Meu mestrado foi feito no Valonguinho, mas eu não sei se a seleção foi feita no Valonguinho. E aí, aí eu saí e fui lá ver o que precisava de documentação pra fazer o mestrado. Peguei a documentação, me inscrevi. Eu acho que já tava até com a documentação que eu precisava, só faltava alguma coisa. Me inscrevi pro mestrado. Disse, bom, vou estudar. Só que eu tava grávida, tava no início da gravidez, morria de sono. Não conseguia estudar nada. Literalmente não conseguia fazer nenhum plano, e trabalhava, tava exausta, trabalhando, com uma criança pequena, tinha perdido uma gravidez e tava grávida de novo. Nessa época eu trabalhava mesmo, trabalhava seis horas por dia. Eu falei, pô, vou fazer, se der deu, se não der não deu, de novo. Aí eu fiz e tirei segundo lugar.

Nara: Segundo lugar...

Virgínia: Eu e o Ronaldo Vainfas. Ronaldo tirou primeiro, eu tirei segundo. Duas provas assim, né. Ronaldo. A gente discutiu a questão antes da prova. Aliás foi uma coisa que a gente se lembra, de vez em quando até a gente ri à beça disso, porque a gente ficou debatendo a questão da prova. A gente sabia a questão uma hora antes e depois você tinha uma hora pra preparar a questão, depois você sentava pra fazer. Então a gente ficou debatendo a questão. Ele ia por um caminho, eu ia por outro. A gente tem uma visão um pouco diferente, né?

Nara: E o que que te levou a escolher o tema do mestrado?

Virgínia: O período do exame, o período que eu tô fazendo, que eu fiz o mestrado, foi um período de ascensão enorme dos movimentos sociais urbanos especialmente ligados a questão educacional. E tava havendo uma (telefone), um crescimento muito grande (interrupção de fita)

Nara: Tava falando em torno da, do BNH. (telefone) (interrupção de fita)

Virgínia – Bom, então, a escolha do BNH, foi muito em função, quer dizer, esse tema era um tema muito quente na época, é, o que que era a questão habitacional pra mim. E tinha, tinha um debate teórico que, tinham dois debates teóricos grandes nesse, nesse momento. Um deles era sobre a questão da marginalidade no Brasil, que eu me filiava mais, mais próxima do Marxismo (telefone) do que discutir essa marginalidade, que não é exatamente uma marginalidade, seria uma espécie de constituição específica, de um exército industrial reserva, e tal, então era, era um dos debates, e o outro debate era muito pragmático, em torno de qual era a questão do BNH, como é que organizava a questão do BNH, como é que organiza... e a, é... como seria a melhor atuação, como bloco de habitação. Ainda tinha um terceiro, que era sobre o próprio papel dos movimentos sociais. Eram três grandes questões: o que eram as camadas populares, se camadas populares tinha a ver com classe, se não tinha a ver com classe, etc. Então pra mim a experiência do, essa, essa situação do BNH foi realmente um, uma experiência de trabalho teórico e de análise histórica muito interessante, que eu nunca publiquei, eu nunca corri atrás pra publicar, eu nunca me interessei, eu não sei porque, era muito boa a dissertação. É, eu não sou muito de ficar correndo atrás nesse tipo de coisa, não, talvez seja um defeito meu. Mas aí, é... a... do trabalho, acabou sendo um trabalho sobre como as políticas habitacionais foram sendo montadas ao longo do século vinte. Então começo em 1920 na verdade e vou até, BNH, eu vou até 1979, uma coisa assim. Justamente discutindo, em que medida o conflito entre capital e trabalho vai permitindo ou não emergir determinadas, determinados tipos de solução pra, para a política habitacional. Gostei muito do trabalho, fiquei muito satisfeita

Nara – Mas não quis publicar...

Virgínia – Não, não é que eu não quis, é, continuava, eu só fui sair do Banco do Brasil já no fim do meu mestrado. Eu trabalhava o dia inteiro, tinha duas crianças pequenas e fazia mestrado, eu não tinha paciência de ficar correndo atrás, nunca tive um ego muito inflado que precisasse ver a coisa publicada pra me sentir satisfeita com o trabalho feito. Ao mesmo tempo isso, isso era um problema porque... eu não corro, eu corro muito pouco atrás disso. Acabo ficando com muita coisa produzida que não, não tá publicada. Mas aí passei pra, pra UFF, comecei a dar aula na UFF, comecei a ter outros interesses de pesquisa e larguei de mão indisposto, não com as pessoas, mas eu discordava com a maioria das análises que tavam na moda, na época, e tal, então, ainda tinha mais essa, mais um horizonte, mais um terreno de briga...

Nara – Você publicou um livro?

Virgínia – Só um livrinho com a Sonia Mendonça que é aquele História do Brasil recente

Nara – Por que que você escolheu esse orientador? O Vitor?

Virgínia – Porque eu trabalhava com movimentos sociais, pela linha de pesquisa dele. Eu me entendi muito bem com ele.

Nara – E o doutorado, como é que foi o seu ingresso no doutorado?

Virgínia – É, eu queria fazer o doutorado fora da UFF, eu tinha feito pós-graduação e mestrado na UFF, nesta época eu já tava só na UFF, trabalhando só na UFF, teve um intervalo entre o fim do um mestrado e o período referente ao doutorado, e eu tinha muita vontade de fazer o doutorado no exterior. Mas não conhecia ninguém lá fora, não tinha nenhum, e a gente tem pouca informação sobre como funciona as coisas lá fora, agora até tem mais, né, naquela época tinha pouco, e eu vivia juntada com um companheiro nessa época, ele também já tinha começado um a fazer doutorado mas já tinha parado, e agente pensou em fazer o doutorado lá fora, mas ele já tinha feito o mestrado na França, então ele conhecia (fim do primeiro lado).

## Início do segundo lado

Virgínia – (...) mandou uma carta e aí ele me aceitou pela carta, aceitou a carta, bom, pela carta e o projeto, mandei o projeto em conseqüência não tinha, na verdade, não tinha nenhuma indicação para ele, não tinha nenhum conhecido dele, não conhecia nenhum trabalho dele, não conhecia nada dele nem ele conhecia nada de mim. Na semana que eu viajei, toda papelada de CAPES, CNPQ, de bolsa, na semana que eu viajei eu descobri que ele tinha escrito um livro sobre Brasil, mas que não tinha sido ainda publicado. Tinha uma cópia xerox, eu descobri a cópia xerox na Fundação Getúlio Vargas e fui lendo o livro dele no avião quando eu fui pra França. Daniel Default, foi meu primeiro orientador, que fez dois anos que tinha que escrever um livro sobre os intelectuais no Brasil, eu cheguei lá com um tema que era um tema sobre ciências sociais no Brasil e ele queria ,porque queria, porque queria que eu mudasse de tema. E eu mudei, larguei tudo que eu tinha levado e mudei de tema e fui trabalhar sobre a questão da democracia.

Nara – Mas então, deixa eu ver se eu entendi, você começou com um orientador, depois você mudou pro outro...

Virgínia – Na metade, é eu tive, foi, bom, aí esta experiência é um relato 'a parte, não vale a pena lembrar aqui, 'senão esta situação vai ficar enorme, eu tive uma série de dificuldades de relacionamento com o Daniel Default, não que ele me tratasse civilizadamente, mas eu realmente não fiquei feliz com, a gente não partilhava os mesmos pressupostos teóricos, não partilhava as mesmas inquietações, e ele vivia querendo que eu fosse uma socióloga, no sentido estrito da sociologia, e eu sempre me recusei muito 'a essas coisas disciplinares, qual é a diferença do historiador pro sociólogo, pro antropólogo, sempre achei que era possível trabalhar, com rigor, mas evitando este tipo de cercadinho muito muito estrito, e aí, o diploma de doutorado da França é dividido em duas partes, uma de estudos aprofundados e depois a tese, ele, quando eu tive este diploma de discursos aprofundados, um dia eu disse, eu entrei em contato com o George de La Bica ele aceitou me orientar, eu já conhecia o George de la Bica, já tava trabalhando com a equipe dele há algum tempo, e aí mudei, concluí a tese com o George de la Bica, que foi uma escolha para mim ótima, porque ele foi uma pessoa importantíssima na minha vida.

Nara – Em que sentido?

Virgínia – Ah! em todos. Uma pessoa assim em termos da disponibilidade dele como pessoa, da forma de organizar o grupo de trabalho, da generosidade dele como pessoa, como, não no sentido de doar coisas, mas de doar o próprio tempo, de discutir, de, isso é uma coisa muito interessante, do ponto de vista da orientação direta ele não era de ficar tomando muito conta do que eu tava fazendo Tive muita liberdade na minha tese, mas ao mesmo tempo eu participei de um grupo de debates que ele tinha montado participei e que ele sempre me tratou como igual como par e eu participei de uma purção de coloquio internacional junto com ele fazendo apresentação foi uma experiência assim excelente

Nara: E como foi a defesa da tese?

Virgínia: Foi ótimo. Super tranquilo. Quem tava na banca era o Michel Levi e foi tranquilo super bem aprovado, com nota máxima em todos os penduricalhos que

as circunstâncias exigem. Ainda tive uma sorte enorme que ainda tem um elemento folclórico na minha defesa porque era no dia da saída do Boujoulais Nouveau então não se tem uma data fixada, pré-fixada porque o Boujoulais Nouveau é posto a venda não pode vender antes, então é sempre em novembro, a data varia um pouquinho, mas é sempre em novembro. E é assim uma espécie de grande festa nacional provar o Boujoulais Nouveau. E o dia da defesa da minha tese era o dia era nove horas da manhã e era o dia em que saía o Boujoulais Nouveau e lá tinha mania de chamar fazer o que eles chamam de ((??de tese??)) que é você defende a tese depois tem alguma bebidinha algum salgadinho que você tá na universidade mesmo, você leva e faz lá com as pessoas que estão na sua defesa e tudo e aí é, eu tinha me mudado porque a minha bolsa já tinha acabado então eu fui para o apartamento de um amigo e eu tinha mudado de quarteirão. Eu tinha um monte de comerciante conhecido no quarteirão em que eu morava antes, no bairro em que eu fui morar depois eu já não conhecia as pessoas e tal. E aí sai na véspera da tese, de manhã, para comprar alguma coisa pra levar, mas.. o que que eu vou levar, vinho, meu deus, mas é meio complicado vai ser caro para levar um Burdo que um vinho mais fino e tal. Levo whiskey? Ai fui entrei numa loja de vinhos dessas assim que tem proprietário que tá lá que conhece que é a (Marchan de Vairnes??) que é uma coisa bem interessante e aí o sujeito disse pra min, mas porque você tá comprando, ai eu expliquei para ele pois é amanhã é minha defesa de tese eu sou brasileira tó voltando pro Brasil e tal, eu falo muito bem francês né então isto facilita muito a comunicação na França por que eu não junta as palavras de brincadeira o que as pessoas as vezes tomam como grossura mas se você, também muitas vezes você não domina a língua, e aí eu expliquei para ele que era a minha defesa, tal e não sei o que, que não sabia o que ia fazer, que tava dura, mas que queria fazer um negócio legal, simpático, e tal. Aí ele disse, poxa, tinha que ser com Boujoulais Nouveau, né? Amanhã é o dia do Boujoulais, mas eu disse, como é que eu posso? Não dá, não dá para ser a Boujoulais Nouveau, porque o Boujoulais Nouveau só sai amanhã e a manhã já é a defesa. De manhã cedo eu vou te que sair daqui de casa umas sete e meia da manhã, vai tá tudo fechado não vai dar para comprar nada. Ele disse, Ah não, mas não é possível, tinha que ser, tinha que ser, tinha que ser Boujoulais Nouveau, e tal e não sei que. Aí ele me fez uma coisa que não se faz. Ele disse: olha, eu vou separar pra você uma caixa de Boujoulais Nouveau, sua tese vai ser com Boujoulais Nouveau, separar para você uma caixa, você vem aqui de noite, na hora de fechar, é proibidíssimo, ele paga uma multa de mil dólares se ele vender uma garrafa fora do prazo, ele já está recebendo as garrafas, lógico, mas ele não pode vender. É. Ele falou assim, cê vem aqui, de noite, já vai tá separado e as garrafas já vão estar postas uma outra caixa. Agora só tem uma coisa, você não pode falar nada do que tá acontecendo na fila. Cê vai disfarçar, cê vai levar uma caixa de outro vinho. Eu falei: tá legal. Aí eu cheguei, aí eu entendi o que ele tava falando, porque quando começa, assim cinco horas da tarde, começa as pessoas a vir tentando arrancar uma garrafa de Boujoulais Nouveau antes, e aí tinha uma fila enorme e na frente da fila, para comprar vinho, os dois caras que estavam na minha frente ficaram batendo boca com o cara porque queriam, porque queriam, porque queriam Boujoulais Nouveau, porque já sabiam que já tinha chegado, queriam, queriam, queriam. E o cara dizia, mas eu

não posso vender, cê sabe que eu não posso vender, cê sabe que eu vou pagar uma multa de não sei das quantas, tarará, tarará. Aí eu chego quietinha e falei: “separou meu vinho?”. Ele falou: “separei”. (risos) Sai eu com uma caixa de Boujoulais Nouveau. Então foi a maior festa a minha defesa porque todo mundo provou o Boujoulais Nouveau lá na universidade. Foi o máximo.

Nara: E depois você voltou pro Brasil?

Virgínia: Logo depois eu voltei pro Brasil. Teve a minha defesa, teve a defesa do Hélio, que foi depois, e aí voltamos.

Nara: Você foi pra França com filho, com todo mundo...

Virgínia: Eu, Hélio e as duas crianças.

Nara: E voltou todo mundo...

Virgínia: Com tudo devidamente defendido, liquidado, encerrado, tudo bonitinho.

Nara: Seu lado com Boujoulais Nouveau, né? Como é que você ingressou no departamento de História da UFF?

Virgínia: Concurso de substituto. Do atual substituto, que naquela época era visitante, acho que o nome. Similar ao substituto hoje. Um concurso sem contrato estável.

Nara: E como é que era o departamento?

Virgínia: Novamente minha relação com o departamento foi muito baixa. Eu trabalhava no banco. Um contrato de vinte horas, então esses dois primeiros anos que eu trabalhei lá, eu não tinha intimidade com o departamento. Eu nem era obrigada a ir as reuniões de departamento, como hoje os visitantes não são obrigados. Eles não exigiam isso, até porque sabiam que a gente tinha que sobreviver em algum outro lugar. O que ganhava ali não dava pra segurar a peteca. E aí nessa época de novo minha vida ficou bem complicadinha, porque lá tava eu de novo com dois empregos e duas crianças.

Nara: Mas era um departamento... o tamanho dele era grande?

Virgínia: Olha, nessa época o departamento já era bem grande, porque nessa época o curso de mestrado já tava a pleno vapor, operando a pleno vapor, já tinha concluído meu mestrado, e o departamento ainda não tava, ainda não tinha ocorrido essa aproximação tão grande entre o departamento e a pós. Tava começando a haver um debate no sentido de aproximar a pós-graduação do departamento. Porque os professores, a contratação dos professores da pós era separada da contratação do departamento. Então, era um departamento que brigava muitíssimo. Tinha assim disputas assim homéricas. E ao mesmo tempo um departamento em pleno crescimento do ponto de vista acadêmico, do ponto de vista de título. Quem é que participava do departamento nessa época? Afonso Carlos, Francisco Carlos, Lana Lage, Ismênia – Ismênia acho que se eu não me engano era chefe de departamento -, Geraldo Beauclair, Luis Carlos Soares, Sônia Mendonça, Guilherme. Tava todo mundo no departamento nessa época. E era um departamento que teve disputas muito duras. Falcon fazia parte do departamento...

Nara: Em comparação com o de hoje?

Virgínia: Ciro tava no departamento nessa época. Aliás o Ciro eu tive uma relação excelente no departamento. Fui ficar grande amiga do Ciro nesse período, através de trabalho com ele em comissão do departamento. Em relação com o departamento hoje, o departamento de História sempre foi muito desigual.

Desigual em todos os níveis. Você tem uma mistura de, de interesse pessoal em sair. A grande polêmica que existia no departamento nessa época, assim que eu terminei meu mestrado, era sair pra formação. Porque a saída pra fazer doutorado implicava necessariamente num buraco da aula. E esse era o problema que era uma bralhada desgraçada porque sempre tem aqueles que querem sair antes de todo mundo, já armou, não quer se subordinar a um critério coletivo e por outro lado tem umas pessoas que não querem estabelecer um critério coletivo pra saída. Não leva em linha de conta que é importante de fato sair pra fazer essa formação. Como, isso foi um período de muita briga, até que o departamento formou uma política institucional de formação, que foi uma política de saída, que foi até um grupo de trabalho muito bom, que começou com a Ismênia, até com um documento da Ismênia sobre a questão da saída, e depois passou por uma comissão da qual eu até fiz parte. Eu, Ciro Flamarion, Ana Maria dos Santos. Foi um trabalho ótimo, se estabeleceu o critério de pontuação que existe até hoje com modificações, um critério de pontuação pra saída dos professores. Esse era sempre o lugar das brigas mais tenebrosas. Porque aí mesclava o interesse do curso com o interesse pessoal. E, é, mas tinha inúmeras, sempre teve inúmeras polêmicas entre a participação dos estudantes, estrutura de avaliação, como é que a gente opera a avaliação, se o curso vai operar por áreas, ou se, por áreas de saber, ou se é um curso só, como é se faz. Então tudo isso, são questões que tão o tempo inteiro estão sendo postas no departamento. Eu diria que o departamento de maneira muito, como um todo, teve algumas, algumas coisas muito interessantes. Teve brigas horrorosas, brigas assim de baixo nível, teve de tudo. Mas teve algumas coisas muito interessantes, porque no conjunto tinha, todos os professores ou a maior parte, pelo menos tinha uma boa parte de professores, muito atuante no curso de graduação. Tinha um compromisso com o curso de graduação, que brigou muito pela qualidade do curso de graduação e, portanto, pelo fato que o departamento não se afastasse da pós. Então ,a pós foi junto com essa política de formação, o que aconteceu foi essa política pelo curso, e mais a briga pelo, pela, pela graduação foi permitindo que a pós fosse se aproximando cada vez mais da graduação. Hoje é quase a mesma coisa o departamento e a pós, naquela época, não. Naquela época tinha uma diferença grande entre quem, o departamento que não era titulado, e a pós, que eram os doutores. Então esse, é, esse foi um, uma discussão bem interessante. Dá uma pausa aí. Então você tem esse tipo de embate que era fundamentalmente uma vinculação das pessoas ao próprio trabalho institucional. Por que essas serão as mesmas discussões de sempre. você sabe que tem professor que não vai pras aulas, você sabe que tem professor que falta. Como que é que você estimula esse professor a funcionar e não, é, a abandonar o curso? A idéia da política de formação era muito nesse sentido, mas ao mesmo tempo, a medida que a pessoa vai subindo na carreira tende a se afastar da graduação e ir se dedicando cada vez mais a pós. Então essa era uma tensão que, era uma tensão muito presente, era uma briga muito presente no departamento. E nesse ponto de vista, a gente sempre foi muito atuante, um grupo de professores muito atuante, é, pra tá participando das decisões pra que as decisões fossem cada mais coletivas, ainda que com um risco de perder, então teve brigas e grupos muito, muito claramente demarcados, no departamento discussões muito, muito ásperas, mesmo do departamento.

Nara: Quais eram as condições de trabalho naquela época? E se acha que mudou...

Virgínia: Sempre péssimas. Sempre foram péssimas, continuam péssimas. Em termos de condição de trabalho, realmente dito é um horror, ou a gente corre atrás, e entra em um esquema de meio que favor de pedido e de negociação, que é uma coisa complicadíssima, ou não tem nada. Nunca teve uma sala, nunca teve telefone que funcionasse. Há vinte anos eu trabalho naquela droga, há vinte anos eu chego lá e fico isolada do mundo, porque os telefones são uma tristeza, é, as salas de trabalho são mal equipadas, você não tem, é, você não tem organizadamente, institucionalmente um sistema de suporte para o seu trabalho, não tem. Não tem um sistema de arquivo que funcione, que seja coletivo, não tem. Se você tiver seu próprio arquivo e mantiver o seu próprio arquivo, OK, ele vai funcionar, senão é uma catástrofe. E, é, o que aconteceu comigo, especificamente, é que eu acabei trabalhando lá, usando aquele espaço lá, como espaço de trabalho muito pouco. Eu vou pra lá, passo dois ou três dias inteiros lá, período que eu oriento, participo de reunião, porque eu participo muito ativamente, eu fui do conselho universitário, atualmente eu tô até participando menos, mas já participei de muitas comissões, participei de muitos debates dentro da universidade, também fico, né? participo das reuniões, etc, trabalho feito uma idiota nas comissões, faço as coisas, etc, que tem que fazer é. Porque eu acho que tem que fazer, porque se isso faz parte do processo que a gente mesmo decidiu, agente tem que participar. Mas, é, a pesquisa mesmo, o trabalho cotidiano que são impossíveis, são, para mim continuam impossíveis, continuam muito precárias, mesmo agora com o laboratório que tem um espaço etc, é um espaço e, que entra e sai gente, então você não fica, você não consegue ficar isolado, trabalhando, lendo, lendo uma tese, tranqüilamente. tem que, tem que brigar para trabalhar, então eu prefiro em geral fazer esse tipo de coisa me casa, né?

Nara: como é que você vê a situação da Universidade pública?

Virgínia: Trágica. acho que é uma briga que a gente vai ter que continuar levando, a gente vai ter que continuar brigando por ela e etc, mas talvez eu veja, eu vejo com muita tristeza, eu tô meio cansada, porque essa é uma luta entre outras lutas em defesa de um setor público um pouco mais conseqüente, mas ao mesmo tempo a gente sente que a gente briga contra a corrente na medida que muitas, muitas, muitas pessoas entram até na briga com muita boa vontade e etc,mas tem muita dificuldade de organizar e organizar um trabalho que seja coerente, uma luta que seja realmente coerente...

Nara: As novas políticas de financiamento de pesquisa e mudanças na carreira docente de alguma forma afetaram seu trabalho?

Virgínia: Diretamente, é, dire, é, meu trabalho pessoal diretamente não. Bom é lógico que afetaram porque eu ando sem bolsa principalmente por razões de implicância, agora voltou minha bolsa, mas ninguém sabe quanto tempo vai durar, altera na medida que a estrutura, por exemplo, da bolsa de iniciação científica, eu não gosto, a gente acaba aceitando o que é importante para os estudantes para a gente manter as bolsas de iniciação científica para os estudantes para eles é importante ter esta bolsa. Ao mesmo tempo esta estrutura de trabalho é super confusa super complicada, a gente tem pouco tempo e, é, você vai sendo a,

política do governo dos últimos 3 anos foi no sentido de acirrar a competição interna. O que esta vai me cansando extraordinariamente, pra isso eu tenho pouca paciência. Então eu to saindo fora. Estou abandonado algumas coisas. Cheguei a participar de algumas batalhas demoradas, de acordo inclusive com (?Pronex?) que foi uma política trágica do governo para a Universidade, e que a gente conseguiu tentar no departamento, pelo menos tentar, não se dobrar a dispersão que o governo propunha, mas logo depois, também não durou muito a nossa vitória interna, logo depois o grupo decidiu que cada um ia fazer o seu próprio método. Saiu porque a Lei dava respaldo. Não era possível proibir isto, assim, era uma decisão que tinha sido uma decisão coletiva, de tentar fazer alguma coisa que superasse a proposta de revisão que o governo propunha. O departamento é um departamento que tem linhas teóricas muito diferentes, sempre teve, não é agora, por que isso não é novo e tem coerências distintas na pertinência com relação a estas linhas teóricas. O que faz com que, além de que o departamento é um lugar de competição institucional. Tem, tem com certeza uma competição institucional e as pessoas jogam com nesta competição. Inclusive eu tive muita pouca paciência para este tipo de competição por que acho que este, aquele é um espaço público então a gente vai ter que tentar lidar com as nossa ambições, que são legítimas, de crescimento profissional etc, mas simultaneamente procurando pensar como é que esta dimensão poderia ser uma dimensão cada vez mais pública. Eu tenho a impressão que hoje a gente esta franco recuo nisso. O estímulo institucional hoje é por grupos, então por tanto, não há nenhum estímulo do ponto de vista da instituição e do ponto de vista da política educacional e da política do MEC, de agilizar o departamento de outra modo. Bom, pode ser que outras tentativas possam funcionar. De qualquer maneira ainda resta uma coisa interessante é que ainda resta uma preocupação com o curso de graduação. E o fato do departamento tá no mesmo desenho da pós, assegura uma certa proximidade entre um e outro, o que é uma experiência rara na Universidade. Esse é uma aquisição que foi feita e que permaneceu. Não sei quanto tempo dura, isso vai depender também de você brigarem pro departamento não se separa da pós, porque se os professores que vierem entrando agora forem sendo admitidos agora, forem só professores substitutos, estes professores estão fora do jogo. É um segundo curso que se monta paralelo, a graduação acaba tendo um perfil diferente do perfil da pós por conta do ingresso de professores que o governo está estimulando, tem algumas ameaças que são dramáticas, esta para mim é a maior delas. A segunda agora é a mudança de carreira dos professores isso eu não sei ainda o que vai significar, na prática, porque permitiria, em principio, que o departamento se mantivesse próximo da pós, mas não garante que não haja que não haja uma nova estrutura de crivagem dos cursos internos entre o novo tipo e o velho tipo, isto ainda não haver. a gente ainda não sabe como é que vai ser.

Nara: Cê está me assustando...

Virgínia: Mas acho que a universidade é um lugar de briga de todo mundo, Você defender a universidade pública é, hoje, todo mundo defender, se não tiver movimento estudantil não tem universidade pública. Não adianta confiar que os professores vão segurar essa peteca, por mais que briguem, tem muitos que não vão brigar pela universidade pública, não porque não acreditem na universidade pública, mas por que isso dá trabalho, isso toma tempo, isso te desvia do teu

trabalho acadêmico institucional, etc, isso é militância política, então , então uns que não vão, tem outros que em um momentos vã brigar em outros não. Tem outro que vão brigar fulltime, tem outros que vão brigar fulltime certo, que outros que vão brigar fulltime errado, tem, não adianta supor que a universidade é fruto dos professores, universidade pública é fruto não apenas do movimento estudantil universitário, mas sobretudo da luta estudantil secundarista, é no acesso a universidade que tem estar a briga pela universidade pública. Agente hoje tem no Rio de Janeiro uma situação catastrófica que a Universidade pública ignora solenemente. Baixada fluminense não tem universidade pública, São Gonçalo tem uma FFP da Uerj, mas baixada? Caxias, São João de Meriti, cadê a universidade pública? Cadê que a gente tá brigando para implantar um pólo avançado lá? Tem que ter, o que tem mais próxima é fundão. As cidade em torno tem pouca universidades públicas, o que tá indo da universidade pública pra lá é curso pago, não pode, você tem que ter uma implantação, não to nem discutindo se curso pago é a maior tragédia da universidade, porque não acho que seja a maior tragédia da universidade, curso pago é derivado da tragédia da universidade, mas o problema mais sério é que a universidade pública está literalmente cercada, ela tá numa espécie de cerco e esse movimento que assegura a universidade não pode ser um movimento de docente, é um movimento discente e um movimento secundarista. E a pressão de quem tá precisa da universidade que aumenta a universidade pública, não é de quem já está dentro.

Nara: A cerca da relação entre universidade e sociedade, tem uma questão que passa por aí, né?

Virgínia: por onde?

Nara: Deixa eu formular melhor a questão. Essa questão da, da dificuldade de acesso do secundário à universidade, da exclusão, como você falou, da falta da universidade pública na baixada, você acha que a relação entre universidade e sociedade, como é que funciona esse quadro, tem outras áreas de relação?

Virgínia: Eu acho que essa é uma discussão, que muito às vezes, outra discussão inteira, só uma palhinha senão a gente vai abrir duas horas de debate. Em primeiro lugar, a formulação de qual é a relação entre Universidade e sociedade é uma formulação genericamente errada, que a Universidade é a a sociedade. Então a relação dela é que essa sociedade é, então o problema está na relação desta sociedade com as diferentes classes sociais, e não com a sociedade em geral , porque com a sociedade em geral vai muito bem obrigado. E o que tá acontecendo hoje é justamente o resultado dessas correlações de forças que tá na vida social, privatização a todo custo , mercantilização do ensino, mercantilização do consumo da vida social, mercantilização da saúde e por aí vai, e se você quiser mercantiliza pais , mães, avós, é venha a ser um belo projeto para próxima década. Qual é a grande questão? A questão está que a universidade se relaciona mal com as classes sociais. Quer dizer, se relaciona mal ... a universidade tem que trabalhar, não a Universidade como um todo. Quem acha que a Universidade tem que tá aberta pra um determinado setor vai ter que brigar dentro da universidade e fora da universidade por conta disso , e não é só levando o resultado do conhecimento para for a , porque e tem que levar, mas não é só isso, não é só fazendo Universidade na praça, é fazendo com que exista de fato uma universidade lá. É organizando essas populações no sentido que em vez

de ficar chorando bolsa pra uma dessas privadas da vida briguem pela implantação de uma universidade pública na baixada. Hoje , no jornal , na folha de São Paulo, a briga pela implantação de uma universidade pública na baixada santista, se sSP, que não tem. É mesma brincadeira porque São Paulo tem NESP, USP, e UNICAMP, e na baixada santista que é um local de concentração de população também não tem universidade pública, tem quatro ou seis universidade particulares, mas públicas não tem. Não tá havendo um processo de expansão da universidade pública. Sem essa expansão da universidade pública, o que ocorre, você tem a formação de um critério de excelência dentro da Universidade, de competência, de pesquisa etc, com briga, porque a gente sabe que a pesquisa científica não é uma coisa homogênea, ela é uma lugar de disputa, mas essa disputa acaba ficando meio que reduzida na mesma proporção que a vida social, os professores que tem determinado tipo de preocupação são minoritários, são desqualificados porque são minoritários. Você tem que coseguir abrir determinados terrenos de pesquisa como legítimos, determinadas brigas como brigas legítimas, tudo isso é processo da própria disputa,né? A produção científica não é uma produção que deriva da própria inteligência, né? Do brilho, do porque eu acho lindo essa questão, eu sempre achei, então eu sou um gênio, então fiz esta pesquisa, ainda que alguns acreditem que seja assim, não é.

Nara: O que que cê acha dos projetos de extensão da UFF?

Virgínia: Olha, não conheço.

Nara: Dentro da sua própria...

Virgínia: Olha tem muita coisa, tem muita, tem muita coisa que é interessante tem coisa que é ruim, tem de tudo, esses projetos, o problema não tá só em avaliar, bem aí sim, Nara, olha lá o pepino. Não dá para a gente fazer uma avaliação da Universidade em meia hora de entrevista, a gente teria que pegar isso aí e pensar direito.

Nara: Claro

Virgínia: e pensar direito cada elemento desse. A idéia de integrar ensino-pesquisa-extensão é uma luta antiga do movimento docente, em com qual o alunado tava de acordo, e é uma luta que veio pela esquerda, de não deixar separar essas três, essas três áreas porque, se você separa o ensino da pesquisa, significa que você reduz o ensino a repetição, e considera o pesquisador alguém que tem um dote diferente, um extra daquele do docente. Isso pra mim não pode ser uma separação radical nem, isso não significa que todos os professores tenham que ser belíssimos pesquisadores ou todos os pesquisadores tenham que ser belíssimos professores, você tem que saber lidar com essa relação, estimular essa relação, e isso tem a ver também tem a ver com extensão, que o universitário tenha que sair de dentro dos muros e dar cursos, qualquer que seja a vinculação política dele, pra fora. Isso de qualquer maneira de é coisa que, é uma luta interna da Universidade, mas ela não esgota a relação entre universidade com a sociedade. O problema é que muitas vezes a gente tá pensando universidade, e gente fica dentro dos muros da universidade, só consegue ver o que tá lá dentro, tem que ver tudo, tem que ver do lado de fora do muro, então política de extensão na universidade, é uma das áreas mais complicadinhas da universidade, porque? Porque tende a ocorrer um fenômeno complicado é que as reitoria ou pró-reitoria comecem a fundar cursos de extensão,

esta foi uma briga que eu já participei aliás, bastante, que os cursos de extensão sejam ligados aos departamentos, e não cursos que saem de lugares que a gente não sabe. E que eles tem uma vinculação, que seja uma preocupação científica e que não sejam só, portanto, uma mera extensão, feito uma vitrine pra fora, não, um curso de extensão, a idéia não é ser uma vitrine é ter de fato alguma coisa a dar, a montagem dessa política depende que os departamentos se organize como espaço de produção docente, produção de pesquisa, que considere a extensão como extensão de fato desse trabalho para as áreas interessadas. As áreas interessadas são desde de o setor empresarial até as favelas, se agente souber adequar isso. Hoje você tem muito mais setores, por exemplo, ligado a a área empresarial que aos setores populares, ainda que o que apareça mais sejam os setores populares.

Nara: Mudando um pouquinho..

Virgínia: Tô cansada, Nara, vai...

Nara: A gente já vai terminar...

Virgínia: Não acredito mais, você já tá me ameaçando isso várias vezes

Nara: Hoje em dia quais são suas principais referências teóricas?

Virgínia: Marx, Gramsci, Freud, Pierre Bourdieu, Proust, isso é uma maluquice mesmo, eu pego Proust, Thompson eu gosto muito. Eu leio muito, eu diria que a minha principal referência teórica continua sendo Marx, mas Marx pensado não como uma maneira de etiquetar o mundo, mas como uma maneira de pensar o mundo. Acho que não tem nenhum pensador mais brilhante do que ele, pra mim é similar, neste ponto Marx e Freud, mas se bem que eu acho Marx mais complexo e bem mais rico do que Freud, os freudianos psicanalistas jamais me perdoarão por isso, mas eu gosto muito também do Thompson, mas minha referência teórica fundamental é Marx, mas Marx como um desafio para pensar e não Marx como uma etiqueta, enfim. Mas isso, isso posto você tem uma infinidade enorme de autora que a partir daí se abre uma quantidade enorme de autores, mas se a minha referência fundamental é Marx e continua sendo Marx, a leitura do Gramsci para mim é fundamental, é, Pierre Bourdieu, do ponto de vista metodológico dá umas, dá umas questões excelentes, o Freud ajuda a gente a pensar as questões do inconsciente e da ideologia que normalmente os historiadores trabalham pouco, fundamentalmente são estas minhas referencias teóricas. Tem muito mais autor, mas eu não vou ficar listando aqui não, Nara.

Nara: Você pode falar um pouquinho da sua produção acadêmica, só pra dar uma idéia

Virgínia: Posso, eu trabalho fundamentalmente em três direções. Difícil é conseguir casar as três, nem sempre é possível, uma é a História do Brasil recente, que eu tenho uma série de discussões, a outra é além da história do Brasil recente, outra direção é teoria da história, que eu gosto muito, gosto de trabalhar, gosto de fazer, gosto de pensar, é um prazer / essa área que eu produzo até bastante, é essa questão de teoria marxista, de reflexão sobre o marxismo. Eu não consigo abrir mão de nenhuma dessas três, é um caos, mas marxismo e teoria da história estão muito próximas, então eu discuto muito os autores. Eu gosto de ler teoria da história eu gosto de ler filosofia, então eu trabalho com, eu acabo com, eu acabo sendo uma pessoa que acaba conhecendo autores porque leio e acho importante conhecer como Foucault, que não são meus autores referência, ma são autores

com os quais eu dialogo bastante, então tô dando o exemplo do Foucault porque acho que tem algumas contribuições que são assim importantíssimas, mas ultimamente eu tenho até produzido bastante no terreno do marxismo. Mas são só meus três temas de trabalho, e que já publiquei muito artigo, muito artigo de periódico, atualmente, esse ano tô até meio parada porque fiquei muito cansada, porque ocorreu muitas dificuldade de orientação na minha vida cotidiana, mas tô com um monte de projeto pro ano que vem.

Nara: Como é que são sua aulas?

Virgínia: Melhor vocês falarem que eu, eu acho as minhas aulas um caos, mas eu gosto das minhas aulas, eu acho que sou muito, eu gosto muito de dar aulas. Eu tenho prazer em dar aula, eu tenho uma característica que eu não sei se é bom ou ruim que se eu sou militante na história, eu não sou militante na sala de aula, não sou panfletária em sala de aula, meu curso é um curso que sempre foi voltado para que as pessoas descubram o que elas podem pensar, qualquer área, acho que elas tem que defender a argumentar sua posição. Eu trabalho muito contrapondo autores e autores de posicionamento bem diferentes, inclusive diferentes das minhas, o que eu quero ver se confunde um pouco a cabeça da turma, mas eu tenho certeza isso é fundamental, conseguir pensar o que é história, é fundamental pra qualquer história que a gente tá fazendo, e é acho que se a gente começa a pensar melhor o que é História, a gente pensa melhor o nosso papel como historiador. O meu curso tem essas característica de ser um curso, todos eles, de ser um curso com essa reflexão teórica atravessando, em geral, qualquer curso que seja, desde um curso de Brasil, a um curso de teoria da história, todos tem esse viés teórico forte, e evidentemente eu tenho a minha própria postura, eu tenho a minha própria leitura do processo histórico, em alguns cursos isso fica mais claro, em outros fica menos, justamente eu vou tá apresentando posições diferentes. Eu não sei muito me avaliar como professora. Acho que esse tipo de avaliação, até seria conveniente que tivesse uma avaliação por escrito do meu curso dos alunos etc. Os não gostam do meu curso, eu sou razoavelmente exigente. Mas em compensação eu não falto, eu corrijo as provas, eu tô lá, então esse tipo de exigência acaba sendo aceito. Eu não sou uma pessoa que reprova muito, mas também só dou nota alta se merecer nota alta, e outro dia tava até muito engraçado, por que na formatura, eu fui paraninfa da turma, aí o aluno me apresentou pra mãe assim:essa foi a única professora que me deixou em V.S.(risos) aí eu ri, né? Vou fazer o que? Mas eu, essa relação depende muito da turma, como as turmas chegam, cada semestre ce tem turmas diferenciadas. Então tem vezes que você tem turmas que são muito engajadas, digamos na participação, na atuação, mas tem menos prática da leitura, de reflexão, de trabalho mais consistente de leitura teórica, tem outra que tem um bom grau de leitura e não tem nenhuma participação, não consegue juntar, não conseguem perceber que as reflexões teóricas na história é também uma área de posição na história, e eu respeito qualquer uma, é também uma tomada de posição, e é, tem outras, tem momentos que as turmas debatem muito, tem momentos que debatem menos, essa é uma experiência que varia de curso para curso. Eu atuando no básico, tem uma coisa que é mais ou menos corriqueira, eu falo muito, muito rápido, com muitas coisas, muitas questões que eu vou abrindo, então em geral dá um nó nas cabeças das turmas. E não acho iso ruim não, não é ruim não,

já discuti isso muitas vezes com os alunos de ser o caso de eu mudar totalmente o meu curso e dar um cursinho arrumadinho, você deve ser assim, a história deve ser assim ou assado, e etc, em vez de fazer esse questionamento de quase tudo. Eu não consigo mudar porque eu acho que alguém vai ter que parar pra questionar, e tomar posição aí dentro.

Nara: Como é que são as avaliações que você usa e qual a eficiência destas avaliações?

Virgínia: Qual a eficiência pra quê, né? O que que a gente quer avaliar neste aluno? Eu num, eu acho que, quer dizer a gente trabalha com texto, tá. A primeira grande condição é avaliar se a leitura do texto diz respeito a reflexão que o texto propõem, ou se a gente é capaz de identificar as principais questões que o texto coloca e discutir com ele, isso seria a avaliação ideal na avaliação de um aluno, a criatividade não tá tanto no fazer uma coisa zero quilômetro, mas ser capaz de identificar no texto os espaços possíveis, e portanto, os debates possíveis. Pra mim o fundamental da avaliação é essa, e não é tanto se a pessoa passa ou não passa, essa escala pra mim é meio secundária. Uma dessas condições pra mim pe saber escrever, essa é uma dificuldade recorrente das turmas de conseguir concretizar num texto o pensamento abstrato apresentar um autor, apresentar uma questão é uma dificuldade recorrente não só na graduação, não, na pós também, uma dificuldade da qual eu mesmo partilho, que eu acho que é uma dificuldade que a gente tem que trabalhar, porque se a gente não consegue passar para o papel ou passar para o texto aquilo que a gente acha importante, vai ser difícil passar alguma coisa adiante. A estrutura de avaliação do meu curso é muito variada, eu já fiz várias, várias experiências. Eu não faço seminário, seminário eu não faço, não faço porque toma muito tempo do curso, a turma não reage bem, dificilmente a turma reage bem, fica olhando, assistindo cansada o que o colega vai falar, então isso aí não serve nada, só tá lá de corpo presente, mas a alma está assim a quilômetros de distância, evito muito fazer seminário, o que eu já fiz, o que eu normalmente faço é o que? Eu tenho avaliação com alguma ficha de leitura, fichamento, sinopse, resenha raramente, com prova, dependendo da circunstância, até como treinamento de redação em tempo curto, com trabalho de fim de curso, e aí sim uma experiência que é bem interessante que não é seminário, mas apresentação dos trabalhos de fim de curso, tempo curto e debate da turma em torno dos trabalhos, trabalhos diferentes e debate em torno disso. Isso dá alguns resultados muito interessantes, assim como troca de trabalhos e auto-avaliação dos alunos em termos de trabalho, também tem algumas coisas interessantes, mas fundamentalmente são essas, eu não tenho um leque muito variado de formas de avaliação não.

Nara: o aluno da UFF ele sai preparado pra ser um pesquisador?

Virgínia: O aluno de algum lugar sai preparado pra ser alguma coisa? Eu acredito que sim, eu espero que sim, eu não tenho certeza, eu não, acredito que o aluno da UFF, que tenha feito o conjunto dos cursos que é muito desigual e muito diferente, do conjunto da UFF é capaz de se tornar pesquisador.

Nara: E professor?

Virgínia: Professor o quê?

Nara: Ele sai preparado pra se tornar professor?

Virgínia: Eu não saberia te dizer hoje o que tentar, a gente quando conclui uma turma, no conjunto do alunado, Nara, tem que levar isso em conta quando a gente, é eu dou aula no básico, eu dou aula na pós, to eventualmente no curso, é, no especial, já no profissionalizante. Pelo último curso que eu dei de história do Brasil, no final do curso, me parece que sim, os alunos tem pouca dificuldade de se expressar, de organizar as idéias em torno do texto de organizar exposições no final do curso. Até porque a maior parte dos alunos saem prazer professor e começam a ser professor ainda muito cedo, no curso. Creio que os alunos teriam reivindicações a esse respeito, em termos dos currículos e da adequação dos cursos aos currículos. Eu não posso ter certeza, eu não posso ter certeza disso, quando a gente discute um novo currículo, para que a ementa do curso, pra que seja um professor o que que ele precisa, precisa ter uma visão geral boa e depois um pouco aprofundada na área de seu interesse de modo que ele aprenda, ele próprio a produzir aprofundamento das diversas áreas. Se o curso básico tiver sendo bom, tiver sendo de fato o que ele se propõem, não vejo nenhuma dificuldade porque os alunos não saíam professores, mas eu não sei como é que tá sendo o básico isso é vocês que tem que me dizer.

Nara: Você se definiria primordialmente como intelectual, pesquisador ou professor?

Virgínia: Ou sou as três coisas ou não sou nada (o minuteiro de controle da fita toca) foi você que botou? O Nara já tem uma hora e meia já chega meio dia e meio, tá na hora do chorinho.

Nara: última pergunta, última pergunta...pra você quais são os principais problemas do curso de História da UFF?

Virgínia: Olha só, Nara, você tem umas perguntas que eu tenho dificuldade de responder porque que acho que não são minhas, que são de vocês, entendeu? Quem tem que dar a resposta não sou eu. Porque o meu olhar sobre o curso de história da UFF para mim, não é um olhar de quem tá fazendo o curso, tá assistindo o curso. O que que eu diria? Eu acho que, vou responder do meu ponto de vista, eu acho que a gente tem hoje, a gente tem uma coisa muito instável do ponto de vista da participação dos alunos em sala de aula. Tem momentos que você tem alunos muito participantes que o debate ocorre dentro de sala e etc, tem outros que mergulha e fica mais silencioso, mais discreto e menos quente. Lógico que depende do tipo de curso. Em geral o curso de introdução acaba tendo menos debate que o curso de Brasil, mas tem áreas de debate que passam solenemente em branco, a não ser que o professor crie as condições de debate, o que não é mo caso, acho que as coisas tem que acontecer porque estão lá, estão postas, por outro lado, hoje, agente te uma estrutura de curso muito voltada pra competição, que eu não gosto, não porque os alunos sejam competitivos ou porque todos os professores sejam competitivos, mas a universidade está se estruturando desta forma e brigar contra isso não é fácil porque tem que ser briga dos professores e dos alunos, então isso é uma coisa complicada. Isso, é, uma coisa que a gente faz pouco, no curso que eu acho uma pena, seriam debates, é debates claros de postura teórica que não implicasse em intrigas pessoais, porque é uma perda, uma perda enorme, porque a gente acaba não podendo debater muito claramente posições divergências teóricas, divergências de interpretação e etc, elas ficam muito abafadinhas, ou aparecem nos textos e não aparecem em

debates públicos. Essa é uma coisa que sempre tive pena e nunca conseguiu se fazer, no, na universidade quase que no geral.